



CONTO DE —
JULIO DANTAS

ILLUSTRAÇÕES DE —
ROQUE GAMEIRO

A BOCETA DE SÊDA AMARELA



OU contar-lhes uma historia de freiras. Encontrei-a n'uns velhos papéis do século XVIII. Não é natural que a conheçam; pelo menos, não a conhecem contada por mim. São tão curiosas estas historias de lareira, que parecem cheirar ainda ao rosmanninho das capellas e á alfazema das portarias!

Um bello dia, no tempo do senhor D. João V, as nobres freiras d'Odivellas zangaram-se com o vigário do mosteiro, seu confessor e director espiritual. Fôra o caso que Frei Pedro d'Alencastro, gordo bernardo d'Alcobaça, mais escrupuloso no zêlo da consciencia alheia do que na limpeza do seu hábito sempre pingado de rapé, dera em affligir as madres, no confissionario, com perguntas que pareceriam demaziado indiscretas a qualquer mulher, quanto mais a uma esposa virgem do Senhor. Começaram as religiosas por queixar-se á Abadessa, que não logrou moderar os rigores canónicos do frade; e já se preparavam para expulsar o vigário e trancar as portas, como haviam feito, annos antes, as freiras do Salvador, quando madre Paula — a *Sóror Pimentinha* dos bispotes de prata, tão querida de Sua Magestade — lhes lembrou que, antes de recorrerem á violencia, deviam ir pedir justiça a El-Rei. Algumas freiras, naturalmente moças e irrequietas, queriam que viesse toda a comunidade de cruz alçada até Lisboa, supplicar a D. João V a substituição do confessor por outro menos curioso do seu pudor intimo de mulheres. A maior parte, porém, e n'esse numero contava-se a propria Abadessa, entendia que as reclamações deviam ser ordeiras na fórmula, dentro do respeito que lhes mereciam as autoridades e jerarchias ecclesiasticas, mas muito mais revolucionarias na essencia, porque a verdade era que todas as madres estavam fartas de frades grosseiros e gulosos de portas a dentro do mosteiro, e já não queriam lá nem aquelle vigário, nem qualquer outro que lhes mandassem. Não tinham, depois, quem as confessasse? Melhor. Escrevia-se para Roma, pedia-se licença ao Santo Padre, — e confessavam-se ellas umas ás outras. Admittiam-se lá bichos homens, com a impunidade da tonsura e do hábito, a devassarem as intimidades mais recatadas e mais inconfessaveis da sua natureza e mulheres? Podia lá soffrer-se que Frei Pedro d'Alencastro perguntasse no confissionario — diziam-n'o ellas, á bocca cheia! — se *Sóror Anna de Castilho* tinha agora os braços mais gordos, ou se madre Catharina de Mendonça catava as pulgas ao deitar ou ao levantar da cama? O re-

médio tinha de ser radical. Nada de vigários, nada de confessores, nada de frades! Madre Paula escreveu immediatamente a El-Rei. A Abadessa mandou uma carta ao Cardeal da Motta. No dia immediato, já todos os papagaios do convento, ensinados pelas ladinas das freiras, gritavam ao vêr passar, no seu habito branco, o anafado, o guloso, o coscuvilheiro do padre confessor:

— Mata o vigário! Mata o vigário!

*

* *

Passaram-se dois dias. Na manhã seguinte, um côche da Casa Real parou á porta do mosteiro d'Odivellas, e Antão de Mello, gentilhomem da camara, apresentou-se á madre rodeira com um recado d'El-Rei. Sua Magestade encarregara-o de dizer á Abadessa que se dignava receber no Paço, tres das freiras reclamantes, e que lhes mandava, das cocheiras reaes do Calvario, aquelle estufim doirado para maior commo-didade na jornada de Suas Reverencias.

Não se descreve a alegria das freiras. Reuniram-se em conferencia as madres discretas. A prelada revestiu-se de mitra e pluvial, e mandou tanger a capitulo. Toda a comunidade desceu, alvoroçada; a madre-escrivã trouxe o báculo; os cadeirados cabiduaes coalharam-se de habitos brancos e de véus pretos. A primeira a falar, *Sóror Margarida de Moura*, lembrou as palavras de S. João Chrisóstomo, na quinta homília: «Não descubras os teus peccados aos homens!» Madre Justa de S. Plácido, vigária do côro, tres vezes abadessa, fez graves revelações sobre a moralidade de Frei Pedro d'Alencastro, declarando, com manifesta estupefacção do capitulo, «que o conhecia por dentro e por fóra». *Sóror Anna d'Obidos*, organista — a Santa Cecilia do mosteiro — foi de parecer que se deveria apresentar a questão com clareza a Sua Magestade, supplicando-lhe que mandasse sahir de Odivellas o padre vigário e que, por intermedio de Sua Eminencia o Cardeal Protector, impetrasse de Roma licença para as freiras se confessarem entre si. Como era natural, foram eleitas as tres oradoras, por mais desenvoltas de lingua, para apresentarem de viva voz a El-Rei as reclamações das madres. O capitulo levantou-se; os sinos repicaram; encheram-se de flores todos os altares da egreja; espalhou-se alecrim na portaria; e d'ahi a pouco, no côche

bamboleante da Casa Real, cujos painéis faílhavam ouro na poeira da estrada, Madre Justa de S. Placido, Sôror Margarida de Moura e Sôror Anna d'Obidos, acompanhadas do gentilhomen da camara, bonito de mais para conduzir freiras, rodavam a caminho de Lisboa, fingindo lêr nos seus breviarios pequeninos.

Quando as freiras chegaram ao Paço, ao fim de tres longas horas de jornada que Antão de Mello julgou as mais curtas da sua vida (tão doce lhe fôra, ao bamboar do estufim, a caricia morna dos joelhos de Sôror Margarida), D. João V já as esperava na sala dos Leões, toda armada de pannos de Arrás, entre o Cardeal da Motta, que sorria, e o

— E vossas Caridades julgam-se capazes de guardar os segredos que lhes forem confiados?

As madres protestaram que sim. Sua Eminencia bem sabia que as freiras d'Odivellas não diziam nada do que viam e ouviam. D. João V percebeu a allusão, sacudiu os caracoes da sua cabelleira de França, levou aos olhos o óculo d'ouro, e disse, n'uma voz fanhosa, estendendo o seu grosso beijo de Habsburgo:

— Pois, minhas madres, quando Christo senhor nosso ressuscitou, appareceu primeiro ás mulheres para a noticia se saber mais depressa...



E D'AHÍ A POUCO, NA BERLINDA...

Dom Abade Geral d'Alcobaça, informado na véspera, pelo Rei, do procedimento d'aquellas ovelhas transviadas do seu rebanho. A entrevista foi cordeal e graciosa. As tres oradoras, mais moderadas do que no capitulo d'Odivellas, limitaram-se a implorar a intervenção de Sua Magestade para que as freiras de S. Bernardo pudessem ministrar-se mutuamente o sacramento da penitencia, o que as dispensaria de metter homens de portas a dentro do mosteiro.

— Frades não são homens, — atalhou pachorrentamente o Dom Abade Geral, fungando o tabaco no seu lenço de Espanha.

— Mulheres, é que não me parece que sejam, — retorquiu Madre Justa de S. Placido, afogueada de indignação.

O Dom Abade trocou um olhar de intelligencia com o Rei, levantou a guarda-porta que dava para a sala dos Tudescos, e desapareceu. O Cardeal da Motta, elegante, dirigiu-se ás freiras:

Pela larga janella via-se o rio scintilando, coalhado de galeões. Serviram-se ás freiras doces e conserva de rosas. Um frade arrábido surgiu ajoujado com uma espineta; outro, com papéis de solfa Sua Magestade quiz aproveitar a presença da madre organista do convento, para passar uns motetes e árias chegados n'aquella hora de Italia. Sôror Anna d'Obidos abriu o tampo de harmonia, onde, n'uma paizagem azul, Leda se abraçava a um cysne, e percorreu com os dedos brancos o teclado do clavicórdio. Sôror Margarida, que tinha uma voz d'anjo, cantou. D. João V e o Cardeal da Motta iam apartando as músicas destinadas ao mestre-sala, para uso da côrte, das que deviam ser mandadas á Capella Patriarchal e á Escola de S. Francisco. O sol brincava nas tapeçarias da parede. Era a hora de voltar para o mosteiro. El-Rei despediu as religiosas com o seu mais familiar sorriso, e disse-lhes que mandaria no dia seguinte a Odivellas o Dom Abade Geral conversar com a Aba-



FRADES NÃO SÃO HOMENS...

dessa ácerca dos aspectos canónicos da sua reclamação. O Abade, que voltara trazendo na mão uma pequena caixa embrulhada em tafetá amarello, atada e lacrada com o sello d'armas do convento d'Alcobaça, acrescentou que, naturalmente, iria na egua, e pediu ás madres a graça de serem portadoras d'aquella boceta que elle não queria levar comsigo para não a amachucar nas bolsas do albardão.

— E' para entregar á Dona Abadessa? perguntou Madre Justa de S. Placido, recebendo a caixa.

— Não. E' para Vossas Reverencias me entregarem a mim, quando eu lá chegar amanhã.

Já as freiras subiam para o côche, á porta do Paço, e ainda o Dom Abade Geral lhes recomendava, dando-lhes a beijar, na despedida, a palma da sua grande mão ruiva e oleosa:

Muito cuidado com a boceta, minhas madres!

*
*
*

Quando as tres freiras chegaram ao convento, a Abadessa e as madres discretas estavam reunidas na casa de trabalho, por cujas largas janellas abertas entrava, em lufadas quentes, o aroma do pomar em flor. Madre Justa de S. Placido poz as jerarchias ao corrente do que se passava com Sua Magestade. Disse-lhes que El-Rei estava inclinado a obter de Roma o brêve auctorisando as freiras de S. Bernardo a ministrar o sacramento da confissão; que, para esse fim, o Abade Geral vinha no dia seguinte ao mosteiro conversar com a Abadessa; e, muito intrigada, remangando o habito, mostrou ás madres a mysteriosa boceta que lhes confiara Sua Reverendissima. A caixa andou de mão em mão. Voltaram-n'a; tornaram-n'a a voltar; sopesaram-n'a; chocalharam-n'a; cheiraram-n'a; fizeram mil conjecturas sobre o que se poderia conter dentro d'aquelle embrulho de seda amarela.

— Não é senão rapé para a Abadessa, — dizia uma.

— São polvilhos de França que El-Rei manda á madre Paula, — lembrava outra.

— Eu sei o que é mas não digo, — jogou a freira querida do infante D. Francisco, piscando os olhos maliciosos.

Pouco a pouco, a casa de trabalho encheu-se de religiosas que vinham vêr a caixinha do Abade. Já nenhuma d'ellas se importava com

o confessor, nem com o brêve, nem com o Rei, nem com a demanda que as levara a Lisboa. O mysterio que se exhalava d'aquella boceta fechada acabou por perturbar a comunidade inteira. Desde a Abadessa até ás leigas da cosinha, desde a mestra-das-noviças até ás donatas lavadeiras, todas ellas — ou não fôsem mulheres! — estavam mortas por vêr o que vinha dentro da caixa. Mas como haviam de a abrir, atada e lacrada como estava com o sello do Abade Geral? Temendo a curiosidade das freiras, a Abadessa quiz que o embrulho ficasse á sua guarda; mas madre Justa de S. Placido oppoz-se, declarou que era ella a unica responsavel pela boceta, levou-a para a cella e, antes de se deitar, collocou-a, com todos os cuidados, sobre a sua estante de archibanco. Pelo meio da noite, quando a donata despertadora foi chamar as freiras para matinas, Madre Justa disse-lhe que não dormira nada, porque a caixinha bolia como se tivesse dentro cousa viva. A leiga, ao acordar as freiras de porta em porta, deu-lhes logo a noticia de que a encomenda do padre trazia bruxedo; todas as religiosas correram á cella da vigária do côro, a perguntar, a espreitar; umas queriam que se abrisse immediatamente a boceta; outras, que a fôsem deitar ao poço do claustro, porque tinha o diabo dentro; a muito custo, a Abadessa conseguiu conduzir as madres para o officio divino, manifestando-lhes a conveniencia de não se tomar nenhuma resolução sem ouvir Madre Paula, porque não era prudente violar um penhor confiado pelo Abade Geral á guarda do mosteiro sem que a cumplicidade da «freirinha d'El-Rei» as pozesse a coberte de todas as responsabilidades. Madre Pimentinha, consultada no côro, onde entrava com ares de princeza, os dedos cheios de diamantes, a longa cauda do habito branco levantada por duas aias, foi de opinião que se devia abrir a caixa, mas fóra do convento, para que não se espalhassem n'aquella casa de Deus os maleficios que ella contivesse:

— Quem nos diz a nós, minhas manas, que não é outra boceta de Pandora?

Rezadas matinas, sabe Deus como, as freiras correram a buscar a caixinha; levaram-n'a para o jardim, cuja solidão nocturna foi alarmada por uma procissão de candeias accesas; chegaram-se para um dos bancos de pedra do jogo-da-bola; e, rodeando Madre Justa de S. Placido, em cujas mãos repousava o mysterioso embrulho, avançaram para elle, meio occultas no rebuço dos véus pretos, os focinhos ávidos de curiosidade. O lacre estalou o tafetá rompeu-se, abriu-se a boceta, e — oh, espanto! um pardal chilreou, bateu as azas, e perdeu-se nas sombras do arvoredor.

— Que é isto! — exclamaram as freiras, boquiabertas.
 — Não é senão o Espírito Santo! — gemeu, em extase, a noviça mais tola do mosteiro.

Um das religiosas riram; outras, vociferaram; um murmurio de vozes ergueu-se na beatitude da noite; e, de volta para o convento, todas ellas perguntavam, intrigadas, confusas:

— Para que queria o frade o pardal?

sobre os olhos, toda a communitade o recebeu de cruz alçada na portaria. Vinha trazer — disse elle — a resposta de Sua Magestade ao pedido das madres; mas, antes de a communicar, precisava de que ellas lhe dessem a caixinha que tinha ficado á sua guarda. A Abadessa tossiu; Madre Justa de S. Placido titubeou; as freiras coraram até ás orelhas; e, em nome de todas, a prelada teve de confessar que a feminina curiosidade das religiosas violara o penhor de Sua Reverencia illustrissima.



— A CAIXA ANDOU DE MÃO EM MÃO . . .

*
 * *

No dia seguinte, quando o Dom Abade chegou na sua égua murzela, risonho, obeso, tisonado do sol, um enorme chapeirão entestado

— E queriam Vossas Caridades confessar-se umas ás outras! — commentou o Abade, satisfeito, batendo na tapadoura de prata da sua caixa de rapé. — As mulheres não são capazes de guardar um pardal por vinte e quatro horas, quanto mais um segredo de confissão por toda a vida!

